

AS DIMENSÕES ANTROPOLÓGICAS DA SEXUALIDADE E O DESAFIO MORAL DA EDUCAÇÃO SEXUAL (PARTE 2): A SEXUALIDADE E O AMOR

Reginaldo Lugarezi

Doutorando em Teologia Moral pela Academia *Alfonsianum* de Roma, onde também fez o mestrado. Sacerdote diocesano formado no Seminário *Redemptoris Mater* de Namur, Bélgica.
E-mail: relugarezi@hotmail.com

Resumo: Este artigo busca descrever a constituição antropológica da sexualidade humana no seu composto e mostrar que a energia sexual é orientada ao amor autêntico. Isto é analisado através do estudo das dimensões, características e funções da sexualidade desde uma visão personalista. Finalmente oferece-se uma descrição do amor e das suas formas desde uma perspectiva onto-fenomenológica.

Palavras chave: Sexualidade Humana. Amor. Antropologia. Personalismo. Onto-fenomenologia.

Abstract: This article seeks to describe the anthropological constitution of human sexuality in its composition and show that sexual energy is oriented towards authentic love. This is analyzed through the study of the dimensions, characteristics and functions of sexuality from a personalist point of view. Finally, a description of love and its forms is offered from an onto-phenomenological perspective.

Keywords: Human Sexuality. Love. Anthropology. Personalism. Onto-phenomenology.

Resumen: Este artículo busca describir la constitución antropológica de la sexualidad humana en su composición y mostrar que la energía sexual está orientada hacia el amor auténtico. Esto se analiza a través del estudio de las dimensiones, características y funciones de la sexualidad desde un punto de vista personalista.

Finalmente, se ofrece una descripción del amor y sus formas desde una perspectiva onto-fenomenológica.

Palabras clave: Sexualidad humana. Amor. Antropología. Personalismo. Ontofenomenología.

Sommario: Questo articolo cerca di descrivere la costituzione antropologica della sessualità umana nel suo insieme e dimostrare che l'energia sessuale è orientata verso l'amore autentico. Tutto ciò viene analizzato mediante lo studio delle dimensioni, caratteristiche e funzioni della sessualità, partendo da una visione personalista. Alla fine, il saggio offre una descrizione dell'amore e delle sue forme secondo la prospettiva ontofenomenologica.

Parole chiave: Sessualità Umana. Amore. Antropologia. Personalismo. Ontofenomenologia.

Résumé: Cet article cherche à décrire la constitution anthropologique de la sexualité humaine dans ses composantes et montrer que l'énergie sexuelle est orientée vers l'amour authentique. Ceci est analysé à travers l'étude des dimensions, caractéristiques et fonctions de la sexualité depuis une vision personaliste. Finalement, on offre une description de l'amour et de ses formes depuis une perspective onto-phénoménologique.

Mots-clés: Sexualité Humaine. Amour. Anthropologie. Personalisme. Onto-phénoménologie.

1 A SEXUALIDADE E O AMOR

1.1. PREMISSAS

O modelo de família e a concepção de sexualidade mudaram. A emancipação das mulheres, o surgimento do movimento feminista, a revelação das pílulas contraceptivas e a “do dia seguinte”, a exigência de liberdade sexual, o desejo de equiparar heterossexualidade e homossexualidade. As revoluções francesa e russa trouxeram uma libertação da erosão dos seus hábitos repressivos, das convenções sociais e de todas as normas. A sexualidade é muitas vezes entendida como um divertido jogo biofísico cujo objetivo é ter o máximo prazer, e cuja única regra é evitar dois acidentes: as doenças sexualmente transmissíveis e o horror da gravidez. A propagação da hipersexualização e da libertinagem sexual conceberia futuramente uma sociedade composta de adultos infantis que “brincam” de forma egoísta com o sexo de modo real ou virtual, tendo a sensação de onipotência dada pela energia sexual. Mas, dizer aos jovens para “brincarem com o sexo” não os ajudaria a crescer e a serem responsáveis e felizes. A raiz da imaturidade é o uso imaturo e irresponsável da sexualidade; a imaturidade não dá, mas toma posse porque o outro é um objeto de entretenimento sexual temporário¹.

A experiência de certas sociedades - com um alto nível econômico e um regime legalizado de 'liberdade sexual' - nos mostra que, apesar disso, o tédio e náusea permanecem. Aliás, chega-se a registrar nelas um nível muito alto de frustração existencial, expresso num número maior de suicídios, na violência gratuita, numa atitude permanente de desencanto, na falta de participação, na difusão de drogas, na incomunicabilidade sofrida².

¹ Cf. PALUMBIERI, Sabino, *Antropologia e sessualità. Presupposti per un'educazione permanente*, Torino: Società Editrice Internazionale, 1996, p.32.

² *Ibid.*, p.150 (tradução nossa).

Faz-se necessário estudar o que significa antropológicamente a sexualidade e o amor.

A concepção tradicional da antropologia filosófica clássica considera a sexualidade como um puro acidente que modifica a substância, reduzindo a sexualidade à sua função genital reprodutiva. No fim do século XIX e início do século XX, uma série de pesquisas das ciências biológicas, psicológicas, sociológicas, antropológicas, conectadas entre elas, provocou uma autêntica revolução da visão clássica da sexualidade; hoje, a antropologia filosófica personalista é a ciência mais atenta à condição integral da pessoa e de sua sexualidade³. Usaremos neste artigo a descrição personalista da sexualidade do professor Maurizio Faggioni: "A sexualidade é uma realidade complexa e articulada que atravessa toda a condição humana e não pode ser reduzida a estruturas e funções genitais, embora a genitalidade seja uma expressão significativa da sexualidade"⁴.

2 CARACTERÍSTICAS DA SEXUALIDADE HUMANA

A pessoa é marcada pela realidade complexa que é a sexualidade nas dimensões corporal, psicológica e espiritual. Tudo na pessoa é marcado pela sua sexualidade: os pensamentos, os desejos, as ações, as vontades, os sentimentos. O ser humano acolhe e integra a sua sexualidade na estrutura do seu ser, antes mesmo de recebê-la psicológica e espiritualmente⁵. Integrar o seu modo de ser próprio, masculino ou feminino, na totalidade da sua vida não significa controlar, muito menos reprimir a sexualidade. Significa recebê-la, amá-la e incorporá-la como um presente. Vejamos as características biofísicas e psico-espirituais da sexualidade.

³ Cf. FAGGIONI, Maurizio Pietro, *Sessualità matrimonio famiglia*, Seconda edizione. Bologna: Dehoniano, 2017, p.107.

⁴ Ibid., p.15 (tradução nossa).

⁵ Cf. PALUMBIERI, Sabino, *L'uomo meraviglia e paradosso. Trattato sulla costituzione, concentrazione e condizione antropologia*, Città del Vaticano: Urbaniana University Press, 2006, p.281–282.

2.1. CARACTERÍSTICAS BIOFÍSICAS

Faggioni observa a importância, mas não absoluta, das condições biofísicas para a correta compreensão da sexualidade humana, que resumimos em seguida⁶. O resultado da pesquisa biomédica prova a complexidade dos componentes físicos da sexualidade humana. Não pode ser reduzida às características de um único órgão, aparelho reprodutivo, nem à organização cromossômica, e muito menos à reprodução. A sexualidade biofísica engloba uma pluralidade de características sexuais.

O desenvolvimento do sexo físico do embrião é um processo gradual que começa na concepção onde se estabelece o sexo cromossômico, na fusão do gameta masculino com o gameta feminino para dar o zigoto. Na quarta semana de vida fetal, o sexo gonadal está esboçado, mas ainda é indiferenciado. A partir da sétima semana, cerca de dois meses de gestação, os órgãos genitais começam a se diferenciar internamente. O Canal Wolf e o Canal Müller estão juntamente presentes, tanto no menino como na menina. Depois passam por uma transformação de acordo com o sexo. Os genitais internos masculinos (canal deferente, bexiga seminal, canal ejaculatório) derivam da estrutura do canal de Wolf, e os genitais femininos (o útero e a porção superior da vagina) da estrutura do canal de Müller. No entanto, a diferenciação da genitália externa tem a mesma origem: o tubérculo genital. Desta estrutura do embrião derivam ou o clitóris para a menina, ou os corpos cavernosos do pênis para o menino, e das pregas lábio escrotal, os lábios maiores para a menina ou o escroto para o menino. Finalmente, na fase de puberdade, a diferenciação sexual entre homens e mulheres é aperfeiçoada (entre 11 e 14 anos para as meninas e entre 13 e 16 anos para os meninos). A função gonadal hormonal torna-se ativa e também sofre alterações fenotípicas, comportamentais, etc.

De acordo com Faggioni, as bases biológicas da sexualidade humana são diferentes da sexualidade animal: a capacidade cerebral e intelectual

⁶ Cf. FAGGIONI, 2017, p.109–114.

e a presença de autoconsciência, bipedaldade, socialização cultural, atribuição de sentidos para fins sexuais não necessariamente relacionados com a reprodução; estas diferenças biológicas empurram a pessoa para viver a atividade sexual num sentido relacional e interpessoal⁷. Isto significa que a busca da característica fundamental da sexualidade humana não se limita ao seu aspecto biológico.

2.2. CARACTERÍSTICAS PSICO-ESPIRITUAIS

A ciência psicológica contribuiu para a busca do sentido da sexualidade, pois estuda “a elaboração psicológica dos comportamentos sexuais, na integração dos comportamentos sexuais e reprodutivos, nas experiências pessoais e interpessoais, no desenvolvimento dos sentidos sociais, lúdicos e comunicativos da sexualidade”⁸.

Elaborar, integrar e desenvolver. Estes três verbos indicam a ligação direta da sexualidade com a personalidade e, neste caso, com a dimensão psico-espiritual. A pessoa é chamada a elaborar, integrar e desenvolver a sua sexualidade em harmonia com as múltiplas dimensões pessoais, em vista de uma personalidade honesta, robusta e harmoniosa. Quanto mais harmoniosa for a personalidade, mais completas serão as dimensões que compõem a pessoa, pois em “personalidade mais rica, sexualidade mais verdadeira”⁹.

Sigmund Freud (1856-1939), no livro *Os Três Ensaios sobre Teoria Sexual*¹⁰, já havia percebido que a evolução da sexualidade caminha de mãos dadas com a evolução da pessoa. Palumbieri explica que a condição *sine qua non* para o florescimento de uma personalidade forte consiste em aceitar a sexualidade como uma dimensão da pessoa, como uma forma encarnada do ser, que orienta o movimento de consciência para o

⁷ Cf. FAGGIONI, 2017, p.113.

⁸ Ibid., p.114.

⁹ Cf. PALUMBIERI, 1996, p. 53.

¹⁰ Cf. FREUD, *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*, Leipzig-Wein: Franz Deuticke 1905.

projeto essencial e pessoal de complementaridade¹¹. Aceitar a sexualidade como um modo de individualidade do ser humano, nos três níveis - físico, psicológico e espiritual -, é, em última análise, uma mensagem libertadora. Libertadora para aqueles que sofrem com a própria sexualidade, escravos do exercício da genitalidade, porque a sexualidade foi esvaziada de beleza, verdade, bondade e sentido. Outra descoberta freudiana é a conexão entre as várias fases evolutivas da sexualidade, da inteligência e da identidade (autopercepção). Para a psicologia humanista, a pessoa passa a ter consciência da energia sexual ao longo das fases da vida, que estimulará as relações e as comunicações com os outros. As relações concretizam os sentimentos, os afetos mais profundos, num aperto de mão, num abraço dos pais dado ao filho que voltou de uma viagem, a união sexual dos cônjuges¹². Para compreender a reciprocidade motivada pela energia da sexualidade, façamos uma analogia. Assim como o corpo é composto de células, a humanidade é composta de pessoas, cada célula e cada pessoa é importante para a totalidade. O corpo (humanidade) será saudável se as células (pessoas) comunicarem harmoniosamente as suas energias umas às outras, caso contrário, o corpo sofrerá de câncer.

Nos anos 50, o psicólogo e sexólogo neozelandês John Money (1921-2006) pesquisou o desenvolvimento da identidade sexual (autopercepção) e formulou uma teoria sobre os fatores que moldam o “sexo psicológico”, criando novos termos para a compreensão da sexualidade humana. Os resultados desta pesquisa foram estudados atualmente pelo professor Maurizio Faggioni¹³. Paralelamente à *orientação sexual* que indica o objeto do desejo erótico e que se desenvolve após a puberdade, J. Money desenvolveu outros dois conceitos que hoje fazem parte da linguagem científica no campo da sexualidade. A *identidade de gênero* (*gender identity*) é a autopercepção de si mesmo como menino ou menina, homem ou mulher.

¹¹ Cf. PALUMBIERI, 1996, p. 53.

¹² Cf. *Ibid.*, p.60.

¹³ FAGGIONI, 2017, p.116-119.

A autopercepção vem antes do desenvolvimento da orientação sexual e do fato de assumir um papel social de gênero. O *papel de gênero* (*gender role*) é tudo o que uma pessoa faz ou diz para indicar a si mesma ou a outros que ela é de um sexo: menino ou menina, homem ou mulher, incluindo parcialmente o sentido erótico¹⁴.

J. Money usa o termo gênero em vez de sexo. Ao fazê-lo, ele enfatiza a origem e capacidade psicossocial da sexualidade e relativiza seu aspecto biológico natural. Sexo é ligado à natureza e o gênero à cultura. Sabemos que, nos princípios de J.P. Sartre¹⁵ e Simone de Beauvoir¹⁶, o homem não tem nem natureza biológica nem psicológica, é uma liberdade não condicionada por diferenças naturais de nenhum tipo. O Money quis demonstrar que a sexualidade humana é indiferenciada no nascimento e diferenciada mais tarde mediante as várias experiências no crescimento. A diferenciação é dada até os dois anos e meio, como uma espécie de impressão (*imprinting*) psíquica. O aspecto original, e ao mesmo tempo parcialmente questionável, de Money é que o desenvolvimento da *identidade de gênero* se conforma com o sexo de atribuição ou "sexo de criação" (*sex rearing*). Segundo o Money, a orientação sexual para o homem e a mulher não é inata, razão pela qual o sexo de criação tem precedência sobre o sexo biológico: gonadal, hormonal, cromossômico, etc. Consequentemente, o desenvolvimento da identidade de gênero pode ser diferente do sexo genético, gonadal, dos órgãos genitais internos e até mesmo do sexo fenotípico. Neste sentido, os pais e suas companhias poderiam imprimir uma identidade de gênero feminino em seu filho recém-nascido do sexo masculino. Isto se faria através da educação e cultura até os dois anos e meio de idade; após esta idade, as modificações serão muito prejudiciais para a pessoa. Portanto, segundo o Money, o sexo de atribuição ou de criação (*sex rearing*) deve

¹⁴ MONEY, John, Hemaphroditism., In: ELLIS, E.; ABARDANEL, A. (Orgs.), *The Encyclopedia of Sexual Behaviour*, New York: [s.n.], 1967, p.476.

¹⁵ Cf. SARTRE, Jean-Paul, *L'être et le néant*, Paris: Gallimard, 1949.

¹⁶ Cf. BEAUVOIR, Simone, *Le deuxième sexe*, Paris: Gallimard, 1949.

ser considerado como o índice mais adequado para um prognóstico de identidade de gênero¹⁷.

Faggioni faz uma observação positiva e uma objeção sobre a teoria de Money. Ele objeta que as suas conclusões são generalizadas, aplicadas a todas as outras crianças, sendo que Money conduziu metodologicamente pesquisas com crianças com deformidades sexuais físicas. Por esta razão foi marcada claramente a discrepância entre o sexo físico e o sexo de criação. No entanto, as pesquisas de Money, num sentido positivo, têm contribuído ao desenvolvimento de teorias de comportamentos terapêuticos e pedagógicos para pessoas com algumas alterações na orientação sexual, identidade de gênero (*gender identity*) e papel social de gênero (*gender role*)¹⁸.

A dimensão cultural da sexualidade foi supervalorizada nas conclusões de J. Money, em detrimento das outras dimensões que a compõe. Vejamos no ponto sucessivo todas as dimensões que constituem a sexualidade humana.

3 DIMENSÕES DA SEXUALIDADE

3.1. Dimensão genital - As sensações e os comportamentos da genitalidade, biologicamente complementares entre o homem e a mulher devem integrar-se na totalidade da vida da pessoa. A reintegração da genitalidade no projeto completo da pessoa é um argumento contra a mentalidade pós-moderna de hipergenitalização que fragmenta a pessoa, fazendo-a pensar que a sexualidade se reduz ao sexo. Como a corporeidade (corpo, *leib*) não se reduz ao corpo (corpo-próprio, *körper*), a sexualidade não se reduz ao sexo.

3.2. Dimensão cultural - A partir da fecundação, a pessoa recebe uma série de mensagens da educação da família e da sociedade, que contribuem ao desenvolvimento integral da sua identidade em conformidade com o seu próprio sexo. Em seguida, ela abrange sua identidade de gênero e adquire

¹⁷ Cf. LEVET, Bérénice, *La théorie du genre ou le monde rêvé des anges*, Paris: Grasset, 2014, p.8; FRIGNET, Henri, *Fabrication du genre, effacement du sexe*, In: *La Revue Lacanienne*, n.4 (2007), p.21-25.

¹⁸ FAGGIONI, 2017, p.117.

padrões de comportamento socialmente apropriados. Tudo isso acontece de forma gradual e natural dentro da família.

3.3. Dimensão afetiva-relacional - Os afetos e as relações interpessoais são o combustível que alimenta a energia que é a sexualidade. O afeto e a relação são primeiramente ontológicos (ligados ao nosso ser). Eles acompanham a pessoa através das diferentes fases da sua existência. Desde o momento em que o espermatozoide encontra o óvulo, a futura criança está numa relação afetiva e ontológica com os outros, neste caso com os seus pais, e mais intimamente com a sua mãe. Quanto mais positivamente as relações primordiais forem vividas, mais harmoniosamente a pessoa viverá suas próprias relações afetivas e a sua própria sexualidade. A sexualidade integral é uma energia dinâmica que conota os gestos, sentimentos, emoções, afetos, palavras, olhares e contatos entre as pessoas.

3.4. Dimensão generativa - A palavra “gerar” expressa melhor a vitalidade da sexualidade. A fertilidade é a capacidade de potencializar o ser do outro e de se potencializar no ser através do outro, através do diálogo total do amor¹⁹. A fertilidade vai além da reprodução como os animais mamíferos, pois a intenção, os meios e o fim é o amor recíproco.

É sempre importante ressaltar que o casal expressa a bondade ética da sexualidade não na reprodução, mas na fecundidade [...]. Um casal com dez filhos pode não ser fecundo, enquanto um casal estéril pode ser. O fato de que o exercício da sexualidade pode ser seguido pela gravidez pertence ao domínio natural da biologia reprodutiva, mas que o filho é uma expressão de fertilidade pertence à lógica do amor²⁰.

Por isso, a fecundidade do amor generativo pode ser vista na relação parental presente na experiência da adoção e custódia de uma criança por

¹⁹ Cf. PALUMBIERI, Sabino, *Amo dunque sono. Presupposti antropologici della civiltà dell'amore*, Milano: Paoline, 1999, p.148–151.

²⁰ LEONE, Salvino, *Sessualità e persona. Un'etica tra memoria e profezia*, Bologna: EDB, 2012, p.88. (tradução nossa).

casais heterossexuais. A dimensão generativa da sexualidade autêntica é a fecundidade no amor autêntico que concebe o amor. O filho aparece como a concretização mais tangível da fecundidade do amor conjugal humano, total, fiel e exclusivo²¹.

3.5 - Dimensão lúdica - Esta dimensão está presente em toda a sexualidade, e não nos órgãos genitais. Fazemos uma analogia com o aspecto lúdico do esporte. Quando jogamos futebol, a dimensão do jogo não está presente apenas nos pés, mas na pessoa inteira: corpo, alma e espírito. Porém, a sexualidade é um “jogo” que não precisa de nenhum instrumento, de nenhum brinquedo, de nenhum videogame, porque o ser humano como um todo (e não só os seus órgãos sexuais!) se torna ao mesmo tempo o jogo e o campo do jogo, pelos gestos, as carícias, os olhares, a linguagem verbal e não verbal, etc. O jogo e sexualidade para fazer bem têm as seguintes características: liberdade, espontaneidade, desapego à rotina, gratuidade, responsabilidade e respeito às regras, criatividade, sociabilidade²². A apropriação indevida de qualquer uma destas características, por exemplo, as regras naturais e morais do jogo/sexualidade, pode arruinar a harmonia, o ritmo, o prazer, a alegria da sexualidade. Isto criará tensões entre as pessoas, e até mesmos patologias. Mas, se as características forem respeitadas, seguindo a vocação pessoal, a dimensão lúdica da sexualidade tornará a pessoa mais criativa, interativa, alegre, relaxada, pois sem o jogo ela ficaria mais tensa e incapaz de ver claramente em sua própria vida²³. A dimensão lúdica da sexualidade do casal é, por exemplo, no momento do encontro sexual, o que ajuda a superar a monotonia da rotina, os anos juntos, o stress com as crianças, as tarefas domésticas, as preocupações no trabalho, a superar até mesmo “problemas” sexuais, como a ereção, causados pelo stress ou cansaço. A dimensão lúdica é uma qualidade de vida da sexualidade: com o exercício da genitalidade para os casados e

²¹ Cf. PAULO VI, Papa. *Humanae Vitae*, 9. In: PAULO VI, Papa. *Documentos de paulo VI*. São Paulo, Paulus, 1997.

²² Cf. PALUMBIERI, 2006, p.315–321.

²³ Cf. HUIZINGA, Johan, *Homo ludens*, São Paulo: Prospectiva, 2012.

sem o exercício da genitalidade para solteiros consagrados a uma vocação especial (sacerdotes, religiosos, pesquisadores, etc.). Ambos têm uma vocação ao amor que envolve a sexualidade.

A sexualidade é uma força criativa e engenhosa para a edificação do projeto de vida da pessoa. A sexualidade é como uma matéria-prima preciosa nas mãos do artista, que ele pode cuidar com carinho e dar forma a uma bela obra de arte. Quanto mais uma obra de arte estiver integrada e harmoniosa com material e a forma, mais bela ela será. Ela irradiará o esplendor de sua beleza em pessoas que aceitam e acolhem o seu modo de ser.

A beleza é o brilho da verdade. É a bondade que chegou ao ponto da incandescência. É a irradiação da integridade do ser. É o encantamento da harmonia. Onde há harmonia, há beleza [...]. Então, beleza é a integridade. A beleza é a paz interior. A beleza é a reconciliação entre a natureza e o homem, e entre um homem e cada outro homem. Acima de tudo, a beleza é o brilho da integridade do ser²⁴.

4 AS FUNÇÕES: PARA QUE SERVE A SEXUALIDADE?

O próximo passo do estudo onto-fenomenológico de Palumbieri trata de oito funções da sexualidade: personalização, relação, criatividade, recreação, energização, estética, religião, política²⁵. Propomos um resumo comentado destas funções/atividades.

4.1. Personalização: Em harmonia e respeito do nosso ser masculino ou feminino, a educação da sexualidade contribui à formação da nossa identidade pessoal, como homem ou mulher²⁶. De fato, a sexualidade, hoje acrescentaríamos também a afetividade, é realmente o lugar de personalização de identidades fortes e equilibradas. Sim, porque ser homem ou mulher não é um acidente, mas um dom da natureza para o equilíbrio da

²⁴ PALUMBIERI, 1996, p. 8.

²⁵ Cf. Ibid., p.69–79.

²⁶ Cf. Ibid., p.70.

mesma. A nossa personalização é progressiva. O homem ou a mulher devem integrar dentro de si mesmos o seu modo de ser masculino ou feminino, a lei ou a autoridade recebida pela educação na família. Por exemplo, uma educação excessiva, em que a lei do pudor é muito rigorosa no ambiente familiar poderia ter um impacto na personalização da sexualidade e no desenvolvimento do caráter de uma das crianças da casa, que poderia se tornar extremamente pudica, tímida ou reprimida.

4.2. Relação: A pessoa é orientada à relação de modo natural, ontológico e físico. A sexualidade tem esta função de colocar as pessoas em relação através sua forma, de pensar, de agir, de comunicar-se, de tomar decisões, de rezar, etc. A relação se manifesta concretamente nas atividades, nos gestos e nas palavras das pessoas, e numa união iniciada e mantida pela atração recíproca entre um homem e uma mulher. As pessoas procuram viver ao lado e junto, e por isso um se sente impelido a viver para o outro e a oferecer a vida como vida de doação ao outro²⁷.

4.3. Criatividade: É fruto de uma sexualidade onde o desenvolvimento contínuo da personalização se faz harmoniosamente. Tende a ser criativa a sexualidade de um casal, homem e mulher, que vivam a genitalidade dentro de uma vida construída no amor humano, total, estável, exclusivo. A criatividade se aplica também a homens e mulheres que não exercem a genitalidade em razão de outra vocação: presbíteros, religiosos, religiosas, etc. Por isso, a criatividade permite uma sexualidade fecunda. Quando o amor reina na relação do casal, da família, a existência é criativa e fecunda. As pessoas sabem dialogar, falar umas com as outras, sabem comunicar e contemplar até o ponto de admiração. Não são os anos de um longo casamento que irão enfraquecer o amor entre os dois, pelo contrário, irão amadurecer o amor.

4.4. Recreação: Os sentimentos de prazer inerentes à sexualidade não dependem exclusivamente da genitalidade. Alegria, diversão, gratificação são sentimentos da sexualidade. Há muitas pessoas, jovens e adultos,

²⁷ Cf. *Ibid.*, p.71.

que praticam a genitalidade sem, no entanto, serem felizes. Por outro lado, há pessoas que não praticam a genitalidade, e possuem uma alegria contagiante. A alegria da vida de casado ou de solteiro espalha ternura no mundo. É a “pedagogia do prazer”²⁸: estudar com prazer, trabalhar com prazer, lutar juntos com o prazer. Assim como há o prazer físico, há também o prazer espiritual: o prazer de uma vida estável, de um verdadeiro diálogo, de uma mútua compreensão, de um intercâmbio de valores comuns para a construção de uma vida juntos, etc. As pessoas precisam ser ajudadas a buscar o prazer não como um fim, mas um meio para o sentido da vida²⁹.

4.5. A energização ou dinamização: Fatos históricos mostram que o exercício da energia da sexualidade é sempre a afirmação da força da vida contra a morte; após as guerras e os desastres naturais (terremotos, inundações, epidemias, etc.), houve um importante aumento estatístico na taxa de natalidade, porque as pessoas são co-criadoras com Criador da Vida³⁰. Para entender ainda melhor esta dimensão, façamos uma analogia da energia da sexualidade com a energia elétrica. Ambas passam por uma transformação possuem a mesma lei da conservação em si mesmas. As duas energias têm a capacidade de alterar o estado dos outros sistemas com os quais interagem. A energia elétrica passa pelo condutor e cria calor. Na lei da física este processo é chamado “efeito Joule”. É chamado resistência o dispositivo que transforma a energia elétrica inteiramente em calor, em iluminação. A lâmpada incandescente é um exemplo desta transformação. No ser humano, a energia da sexualidade passa por todas as dimensões da pessoa humana, cria uma força que a empurra para a relação com outras pessoas. É chamado consciência o dispositivo humano que canaliza a energia para produzir relações que sejam luz e felicidade. A consciência humana é o centro transformador da energia da sexualidade em luz.

²⁸ Cf. PALUMBIERI, 1996, p.72; SAINT-ARNAUD, Yvon, *La guérison par le plaisir*, Montréal (Québec): Novalis-Canada, 2003.

²⁹ FRANKL, Viktor Emil, *Fundamentos y aplicaciones de la logoterapia*, Barcelona: Herder, 2012, p. 43- 45; Idem., *La voluntad de sentido*, Barcelona: Herder, 2002, p.23.

³⁰ Cf. PALUMBIERI, 1996, p.74.

4.6. Estética: Nas múltiplas manifestações de beleza, a união complementar dos corpos masculino e feminino, na plenitude do amor, é a síntese da beleza do diálogo sexual. Esta união revela uma beleza que transcende o gesto visível, ou seja, vai além do gesto físico visível. É no amor que a sexualidade assume todo o seu significado de bondade e beleza: reconciliação, ternura e a linguagem da comunhão.

4.7. Política: Palumbieri entende aqui a política como uma abertura para os outros da *polis*, que se expressa na sociabilidade da pessoa. A função política do exercício conjugal da sexualidade se manifesta na abertura ao outro cônjuge, e juntos se abrem para uma nova vida (filhos). A procriação ajuda a superar o risco de uma relação interpessoal restritiva e fechada entre o casal. A seguinte fórmula de Palumbieri resume a função política da sexualidade: "Eu por você. Você por mim. Ambos para os nossos filhos. Juntos por um mundo novo. Ser para o outro significa estar totalmente com o outro, no outro, abrindo-se a todos os outros"³¹. A dimensão política também é válida para a modalidade de uma vida sexual na qual a pessoa renuncia à genitalidade por outros objetivos. No caso da tradição cristã, há tantas vidas dedicadas ao serviço das pessoas: educação, cuidado dos doentes, assistência aos pobres, luta pela libertação dos escravos, das prostitutas, etc. Enfim, a função política da sexualidade permite de ultrapassar o individualismo, o anonimato e a virtualidade da sociedade de hoje.

4.8. Religiosa: Esta última função dá o sentido transcendental à sexualidade. A transcendência é necessária para a sexualidade, porque é vivida ao mesmo tempo como um espaço de felicidade, mas também como percepção de limites. Toda experiência autêntica de comunhão e de comunicação que temos preenche parcialmente o nosso desejo de realização do nosso ser. Este desejo profundo não é completamente preenchido por outro ser humano, e muito menos por coisas materiais. Daí a necessidade lógica da existência do *totalmente-Outro* (Deus), para preencher completamente o

³¹ Cf. *Ibid.*, p.76.

nosso desejo de plenitude do nosso ser, da nossa vida, para sermos felizes. A etimologia do termo *religião*, do latim *religare*, se trata de atar ou ligar com firmeza; é esta a função da sexualidade que tende a nos atar firmemente com o outro e com o Outro, ambos necessários para a realização do nosso ser.

Para entender ainda melhor o significado religioso da sexualidade, Palumbieri usa a imagem de uma flecha apontada para um alvo³². A flecha é a sexualidade e o alvo é a plenitude do nosso ser: alvo transcendental ou meta-histórico (além da história). A imagem da flecha é significativa, porque desde o momento da concepção, a pessoa é inclinada para a relação com o outro a fim de completar carências de todos os tipos. Porém, a outra pessoa é incapaz de completar a deficiência ontológica. Se a flecha ainda estiver apontada para o outro, a consequência será um sentimento de frustração e solidão. O outro torna-se um objeto a ser possuído e não um sujeito a ser acolhido. Para evitar este desvio a flecha deve ser dirigida para o totalmente-Outro (Deus). Levamos dentro uma saudade do Paraíso. A saudade da comunhão eterna, vivida na beleza do mundo novo, é a prova da tensão do nosso ser a este sonho. Este novo mundo "já está aqui," mas "ainda não". É a expectativa que gera esperança e vida nas provas da morte durante a existência humana.

5. SEXO OU AMOR: QUAL É A NECESSIDADE FUNDAMENTAL DA PESSOA?

A essência e a finalidade da sexualidade estão a serviço do amor interpessoal que faz do amado ou da amada, uma pessoa digna de respeito e de cuidado. Entretanto existe, atualmente, uma confusão na cabeça das pessoas com as palavras: amor, fazer amor, sexo, sexualidade, genitalidade. Como estudamos acima, há uma enorme diferença entre sexo e sexualidade, entre genitalidade e sexualidade. O "amor" parece que foi reduzido à expressão "fazer amor". Certamente "fazer amor" é uma forma bonita de expressar o amor entre um homem e uma mulher em diversas línguas. Mas o amor seria

³² Cf. PALUMBIERI, 1996, p.77-79.

então uma ação ou uma coisa que se faz? Por que então tantos casais se destroem por não “sentir” mais amor, sendo que eles poderiam fazê-lo? Seria então o amor um sentimento, uma emoção, uma atração sexual? É necessário portanto estudar como a antropologia onto-fenomenológica compreende o “amor”, e mais especificamente, como ela o compreende no universo da sexualidade de pessoas livres, conscientes e responsáveis.

A redução do amor ao encontro sexual ainda pode ser um resíduo do materialismo psicológico de Freud. O instinto sexual seria o resultado de uma tensão química produzida pelo corpo, que é dolorosa e por isso mesmo busca um alívio. A sexualidade não está a serviço apenas do prazer sexual, que tende a reduzir o outro a um objeto de prazer egocêntrico. A atração sexual é parcialmente causada pela necessidade de aliviar essa tensão, mas é principalmente uma necessidade de união, contesta o psicanalista Viktor-Emil Frankl (1905-1997), aluno de Freud. Frankl rompeu com Freud porque não aceitava que os seres humanos tenham que viver no mundo sob a ditadura das forças dos impulsos sexuais. Ele defende que a pessoa é livre, responsável e tem consciência de sua responsabilidade. Frankl observou clinicamente que as pessoas procuram uma compensação sexual por conta de uma frustração existencial. É uma profunda sensação de vazio existencial que leva à inflamação da sexualidade³³. O termo “inflamação” é um diagnóstico significativo da psicanálise de Frankl. A inflamação é uma reação das defesas imunitárias do organismo a uma infecção ou lesão por um vírus ou agressão externa. A inflamação da sexualidade é uma reação do ser humano total a uma infecção ou lesão por agressões externas: familiar, cultural, educativa, social, etc. O psicanalista humanista Erich Fromm (1900-1980) também critica Freud. O erro fundamental de Freud foi

ver no amor exclusivamente a expressão - ou sublimação - do instinto sexual, em vez de reconhecer que o desejo sexual é uma manifestação da necessidade

³³ Cf. FRANKL, Viktor Emil, *Logoterapia e analisi esistenziale*, Brescia: Morcelliana, 1972, p.192.

de amor e de fusão[...]. Minha crítica à teoria de Freud não é que ele supervalorizava o sexo, mas que ele não conseguiu entendê-lo profundamente³⁴.

Com estas informações psico-clínicas de Freud, Frankl e Fromm, concluímos que somos seres de necessidade, de carência e de vulnerabilidade. A necessidade fundamental das pessoas não é de sexo, mas sim de amor, desde a fecundação. Toda pessoa precisa de amor, porque o amor é, na sua própria essência, comunhão. A necessidade de amor é análoga à necessidade de água quando temos sede. Somente a água aplaca a nossa sede. Somente o amor aplaca nossa sede de comunhão. O amor é o elemento da nossa essência humana que nos salva do absurdo e do nada de uma existência banal. O amor unifica todas as dimensões - física, psicológica e espiritual – que compõem a pessoa. O amor autêntico nos restaura da fragmentação da pessoa causada pela hipersexualização, nos resgata da frustração existencial, e dá sentido aos sofrimentos inevitáveis da vida.

5.1. DESCRIÇÃO ANTROPOLÓGICA DO AMOR

Sugerimos uma descrição do amor, segundo Palumbieri, no seu método onto-fenomenológico, que em seguida comentaremos: “O amor [...] não é uma emoção vaga, mas um *sentimento* estável pelo outro, enriquecido pela *decisão* da vontade livre, que escolhe e volta escolher a pessoa amada, com fidelidade e coerência”³⁵.

O amor não é uma emoção vaga.

É comum ouvir dos indivíduos da *massa*³⁶: “O importante é o amor!”, porque pensam que o amor é uma emoção. A psicologia elementar já provou

³⁴ Cf. FROMM, Erich, *L'arte di amare*, 5.ed. Milano: Saggiatore, 1972, p.50; 53.

³⁵ Cf. PALUMBIERI, 1996, p. 172.

³⁶ Fiodor Dostoievski (1821-1881) e Edith Stein (1891-1942) distinguiram a massa e o povo. A massa é caracterizada pelo abandono total da consciência geral, que está presente num povo. A antropologia sistemática também mostra a presença nas pessoas de interdependência e a consciência de pertencer a valores. Hannah Arendt (1906-1975) inventou a expressão “a banalidade do mal” e observou que a consciência das pessoas se enfraquece na massa. Como resultado, as pessoas começam a contribuir com o trabalho do mal. O período do nazismo é um exemplo disso.

que nem sempre dominamos as emoções que vêm e vão por diversos motivos. Afirmar que o amor é uma emoção tem o seu lado positivo e negativo. O lado positivo do amor como uma emoção vaga consiste na oportunidade de elevar a pessoa ao amor autêntico, porque ela sente a necessidade de amor verdadeiro. Perguntemos aos indivíduos da massa: apaixonar-se não seria talvez uma patologia que só o amor real pode curar? Se assim for, a emoção afetiva sentida é desdramatizada, porque é normal ter afetos. Apaixonar-se pura e simplesmente cega o sujeito, enquanto o verdadeiro amor lhe abre os olhos. O ser humano, casado ou consagrado no sacerdócio ou na vida religiosa, é susceptível de se apaixonar e de ter emoções, uma atração sexual por outra pessoa que não é o seu amor exclusivo. O lado negativo do amor como uma emoção está na redução do amor a uma emoção afetiva. Se assim fosse, os indivíduos da massa teriam razão sobre aquilo que a medicina chama de patologias: pedofilia, efebofilia, zoofilia, transtornos de gênero, etc. O amor não é uma emoção vaga, porque o amor redimensiona a pessoa.

O amor é um sentimento estável.

Não somos movidos pelos impulsos sexuais ou pelas emoções psíquicas, mas pela razão e pelos sentimentos, que são faculdades que ajudam a consciência a compreender a realidade. O sentimento é diferente da emoção, porque tem um valor ontológico, e por isso é estável. A fenomenologia explica que o profundo sentimento que temos é a compreensão da nossa essência de ser humano que é estável e dinâmica. Estável porque a nossa dignidade de ser humanos não muda. Dinâmica porque estamos em constante desenvolvimento. A estabilidade é sentida no nosso interior durante as transformações da nossa vida. Da nossa concepção até agora possuímos o mesmo ser, embora houve mudanças físicas, psicológicas e espirituais. A alegria é outro exemplo de sentimento ontológico profundo que permanece enraizado em nós, mesmo em momentos problemáticos. O amor é o mais elevado sentimento ontológico da pessoa, por isso é

profundo, estável e duradouro. Ele persiste mesmo quando se atravessa por sensações de aridez e vazio³⁷. O amor não significa primeiramente gostar da pessoa amada, mas sempre tentar dar gosto à pessoa amada, não é somente sentir a pessoa amada, mas sentir com ela (com-sentir)³⁸. O sentimento de amor é experimentado também nas sensações de aridez causadas pelos sofrimentos. O amor de uma pessoa pode dizer: "já não sinto o gosto por você, mas continuo a querer dar-lhe gosto"³⁹. Em outras palavras, poderíamos dizer: neste momento de aridez não gosto de você, mas eu amo você, por isso eu continuo a querer dar o gosto a você. Se a aridez é confrontada com perseverança, paciência e paz, a personalidade floresce e o amor se torna mais autêntico e adulto. O amor "adulto" atravessou as etapas do amor "infantil" e "adolescente" movidos pela gratificação (gosto) e pelo prazer imediato. Meus pais são um modelo do sentimento de amor autêntico e adulto na aridez de uma longa doença. Após um AVC (Acidente Vascular Cerebral) em 2009, minha mãe perdeu a fala e o movimento no lado direito do seu corpo (*körper*). No entanto, ela não perdeu a dinâmica do seu corpo-próprio (*leib*). A esperança, o moral e, especialmente, a fé, a puseram de pé depois de um ano e meio. No entanto, ocorreram várias fraturas sucessivas e foi diagnosticado um mieloma múltiplo. A equipe médica e a família concentraram-se no tratamento do tumor. Os resultados foram positivos, para o alívio e a alegria de todos nós. Em 2015, o mieloma piorou, exigindo mais ternura e cuidado da parte de todos. E em tudo isso, o amor como um sentimento profundo, estável e duradouro permanecia evidente entre os meus pais. O meu pai, que frequentemente era servido pela minha mãe, agora sempre servia a sua amada. Ele tomava conta dela, a animava, a enchia de ternura, a defendia de pessoas tóxicas e, acima de tudo, rezava muito com ela. Se o amor fosse uma emoção psíquica e um impulso sexual freudiano, ou a prática da genitalidade na sexualidade, esta história

³⁷ Cf. PALUMBIERI, 1999, p.55-57.

³⁸ Cf. *Ibid.*, p.57.

³⁹ *Ibid.*, p.57.

não seria real. Mas é real! É a história dos meus pais, por isso também é a minha história. A alegria e a serenidade de minha mãe e do meu pai eram conhecidas e elogiadas pelos vizinhos do bairro. Por onde passavam, meu pai empurrando a cadeira de rodas da minha mãe, os dois deixavam um traço do amor alegre, da comunhão. Este casal é uma prova que a alegria não é a ausência de preocupações e que o amor não é ausência de sofrimentos. O amor dá sentido a qualquer sofrimento e aridez da vida. O ressecamento do amor é mais perigoso do que a aridez, porque é uma traição potencial, onde acontece uma evaporação progressiva do amor. Na raiz do ressecamento do amor está uma decisão premeditada, e talvez escondida, a médio e longo prazo pela razão escurecida e pela vontade livre de um dos cônjuges: "já não sinto o gosto por você e não quero dar-lhe o gosto". Colocar estas emoções e situações passageiras à luz entre os cônjuges poderia ser a água que irrigaria novamente o solo florescendo novamente o amor. O amor é um sentimento estável mesmo na aridez física de uma doença, de um distúrbio psicológico, de dificuldades financeiras, etc.

O amor é uma decisão da vontade livre.

A descrição antropológica e moral do amor como uma decisão da vontade livre é uma revolução copernicana para a mentalidade contemporânea. Esta afirmação é capaz de libertar tantas pessoas da escravidão do sexo, da pornografia, das ideologias, do pansexualismo e determinismo freudiano. Além disso, pode ajudar a educar os jovens e futuros casais para uma relação adulta e estável, baseada no amor verdadeiro e não apenas nas emoções e nos prazeres. A decisão de nossa vontade livre é um processo pessoal, que procede da consciência e engloba mecanismos internos e externos (inteligência, consciência, vontade, valores, motivações, condições físicas, psicológicas e espirituais, etc.) Uma decisão tomada livremente cada dia pela vontade livre com fidelidade e coerência, afrontando juntos as diversidades.

5.2. AS FORMAS DO AMOR: EROS, AGAPE, FILIA

O amor, antes mesmo de ser uma virtude, é uma estrutura do ser humano. Seu discurso, portanto, toca a esfera constitutiva, antes de abordar a esfera ética. O amor não pode ser uma ordem: tantas vezes ouvimos dizer isso. Contudo, a pessoa pode ordenar o compromisso da sua fidelidade à sua própria estrutura de ser⁴⁰.

No horizonte da ontologia fenomenológica, o amor aparece no ápice das atitudes do homem como um mistério vivente que não pode então ser definido, mas descrito. Três tendências aparecem simultaneamente, em doses diferentes, nas experiências do amor humano: *eros, agape e philia*.

Eros no Banquete de Platão, é o Amor, filho da Pobreza (Penia) e do Recurso (Poros). Ele foi concebido durante a festa dos deuses, quando sua mãe Pobreza deitou-se com o Recurso embriagado de néctar⁴¹. “Na relação sexualmente conotada inter-humana, esta atitude de desejo é indicada com o termo *eros*: *eros* é uma tensão para o outro determinada pela miséria, necessidade, desejo, de acordo com o mito platônico de *Eros*”⁴². Não é um desejo egoísta em si mesmo, pois o desejo essencial da pessoa é um desejo de perfeição. O homem deseja uma mulher, movido pelo desejo ontológico de felicidade. O ímpeto dado pelo *Eros* empurra o homem para a outra pessoa diferente de si mesmo. Sem o *Eros*, o “eu” permanece preso e impotente, incapaz de descobrir a outra pessoa que o completa parcialmente o seu desejo e a sua necessidade.

Ágape é um termo habitado pela tradição antropológica judaico-cristã. O *ágape* deseja a perfeição da pessoa amada. O *Eros* deseja a própria perfeição. Na linguagem de Clives Staples Lewis (1898-1963), o escritor e filósofo britânico, *Eros* corresponde a *Need-love* (amor necessidade), enquanto o *ágape* corresponde a *Gift-love* (amor presente para o outro).

⁴⁰ PALUMBIERI, 1999, p. 60.

⁴¹ PLATAO, *O Banquete*. Editora Martin Claret, São Paulo, 2004, p. 139-140.

⁴² FAGGIONI, 2017, p. 148.

Eros e *ágape* são complementares na pessoa. O bem maior que o ser humano busca é um amor de uma pessoa que o ama pelo que ele é, não pelo que tem. O amor humano deveria ser reservado apenas para as pessoas. Ao mesmo tempo que ouvimos “amo meu pai, minha mãe, minha esposa, meu marido, etc.”, ouvimos também “amo meu carro, o meu celular, minha casa, etc.” Um objeto, uma planta ou um animal não têm a mesma dignidade de uma pessoa. A chave para o sucesso do amor entre pessoas é o dom recíproco. Uma pessoa não pode entregar-se ao seu cão, ao seu carro, à sua casa com a mesma intensidade que a um ser humano, e vice-versa. Os objetos são “amados” pelas pessoas apenas por utilidade, por causa dos benefícios oferecidos. Os objetos são meios, e as pessoas não podem nunca ser um meio, mas um fim em si mesma, porque tem a dignidade de pessoa.

A *Philia* refere-se à experiência de amizade entre as pessoas, fundamental para o desenvolvimento da sexualidade. Porque sem amigos ninguém escolheria viver, mesmo com muitos bens e pessoas ricas, e, de fato, aqueles que possuem autoridade e poder parecem precisar de amigos mais do que ninguém, ensina Aristóteles na *Ética a Nicômaco*⁴³. Neste tratado, que Aristóteles escreve a seu filho, desenvolve vários tipos de amizade, dois dos quais são importantes para o nosso tema: a amizade interessada e a amizade perfeita. A primeira é a amizade baseada nos interesses, onde um amigo gosta do outro pelas virtudes dele, pelos bens, pelas qualidades, pelo prazer. Sendo uma amizade acidental, tende a acabar mais facilmente porque mudam as circunstâncias, os ambientes, a personalidade. Por exemplo, pode ser suficiente que um amigo deixe de ser gentil ou simpático para que a amizade termine. Aristóteles observa a presença deste fenômeno especialmente nos jovens, porque vivem sob a influência de paixões e prazeres imediatos e não duradouros. Os jovens têm maior facilidade de fazer amigos, mas também de perdê-los. O segundo tipo é a amizade perfeita entre bons amigos semelhantes em virtudes, e querem o bem um do outro, sem interesses próprios. Neste nível a amizade é natural, diferente da primeira que

⁴³ Cf. ARISTÓTELES. *Ética a Nicômaco*. São Paulo: Martin Claret, 2015.

é acidental e tendenciosa pelo interesse e pelo prazer. A amizade perfeita é bastante rara porque requer a naturalidade, bondade, tempo e o hábito de viver juntos. Existe uma diferença entre o afeto e a amizade. O afeto corresponde a uma paixão atraída pelo bem e o prazer dignos. A amizade corresponde a uma disposição do amor implicando uma escolha que é dependente da disposição do caráter. Um amigo escolhe amar outro amigo que se tornou um bem digno, com uma amizade perfeita. Ele o ama com uma familiaridade superior ao amor comum por outras pessoas. De fato, amamos muitas pessoas de um amor comum ou de uma amizade acidental. Porém, não conseguimos amá-los a todos com uma amizade perfeita. A amizade perfeita é seletiva. A amizade perfeita é um presente inestimável que a Vida dá ao ser humano. Existem cinco elementos próprios à amizade perfeita, segundo Aristóteles, que Tomás de Aquino resume:

(...) primeiramente, cada amigo quer que o amigo exista e viva; segundo, quer-lhe bens; terceiro, faz-lhe bens; quarto tem prazer em conviver com ele; quinto, concorda com ele, alegrando-se e entristecendo-se ambos com as mesmas coisas. E assim sendo, os bons amam-se a si mesmos, no concernente ao homem interior, por quererem conservá-lo na sua integridade. E lhe desejam os bens próprios dele, que são os espirituais; e também se esforçam para que os consiga. E tem prazer em se concentrar no seu espírito porque nele encontram os bons pensamentos, no presente; a memória dos bens passados e a esperança dos futuros, que lhes é causa de prazer. Semelhantemente, não padecem dissensão na vontade, por toda a alma deles tender para a unidade⁴⁴.

Nos escritos de Tomás de Aquino encontramos pelo menos três dimensões aplicáveis à amizade. **A reciprocidade de amor (*mutua amatio*)⁴⁵:** Sem reciprocidade não há amor, e a amizade não existe. Eu sou amigo de quem é meu

⁴⁴ TOMAS, DE AQUINO, Santo. *Summa Theologiae*, II II, q. 25, a. 7.

⁴⁵ Cf. *Ibid.*, II II, q. 23, a. 1.

amigo. Para que exista amizade, é preciso que eu deseje o bem ao meu amigo, e que ele também deseje o meu bem. **A comunicação de vida (*communicatio vitae*)**⁴⁶: A vida comunicada na amizade é um dom a ser frutificado, um dinamismo fecundo. Este amor entre amigos confere sentido e força de viver. Desta forma, os amigos vivem o que Gabriel Marcel chama de *gaudium essendi*, que Palumbieri explica como a *alegria existencial* cujo fundamento é sentir-se amado e capaz de amar, e a sexualidade estabelece relações de criatividade e comunicabilidade, que são essenciais para a vitalidade⁴⁷. **A união dos amigos (*aequalitas*)**⁴⁸: A *aequalitas* é a união estabelecida entre amigos e conosco mesmos. A qualidade da união com meus amigos depende diretamente da qualidade da união comigo mesmo. O amor que sentimos por nós mesmos é a forma e a raiz do amor na amizade com os amigos. A *aequalitas* se estabelece quando nos comportamos com os amigos como nos comportamos conosco mesmo. É a união profunda estabelecida em harmonia de valores entre amigos. A qualidade da união de amizade depende diretamente da qualidade da unidade pessoal. "Se você não sabe amar a si mesmo, você não pode amar verdadeiramente o seu próximo"⁴⁹.

Este artigo descreveu a constituição antropológica da sexualidade humana no seu composto e mostrou que a energia sexual é orientada ao amor autêntico, o que vimos nos estudos das suas dimensões, características e funções. No terceiro e *último* artigo, sugeriremos alguns pontos importantes para a bela missão da educação sexual e afetiva permanente, ajudando pais e educadores a assimilar e comunicar a grandeza da sexualidade humana.

⁴⁶ Cf TOMAS, DE AQUINO, Santo. *Summa Theologiae*, II II, q. 25, a. 3.

⁴⁷ Cf. PALUMBIERI, *Antropologia e sessualità. Presupposti per un'educazione permanente*, p.8–9.

⁴⁸ TOMAS, DE AQUINO, Santo, op. cit., q. 25, a. 3.

⁴⁹ AGOSTINHO, Santo. Sermo 368,5. In: *S. Aurelii Agustini Opera Omnia*. Editio Latina. Patrologia Latina. Disponível em: : <<http://www.augustinus.it/latino/trinita/index2.htm>>. Acesso em: 15 out. 2017.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGOSTINHO, Santo. Sermo 368,5. In: *S. Aurelii Agustini Opera Omnia*. Editio Latina. Patrologia Latina. Disponível em: : <[http:// www.augustinus.it/latino/trinita/index2.htm](http://www.augustinus.it/latino/trinita/index2.htm)>. Acesso em: 15 out. 2017.

ARISTÓTELES. *Ética a Nicómaco*. São Paulo: Martin Claret, 2015.

BEAUVOIR, Simone. *Le deuxième sexe*. Paris: Gallimard, 1949.

FAGGIONI, Maurizio Pietro. *Sessualità matrimonio famiglia*. Seconda edizione. Bologna: Dehoniano, 2017. (Trattati di etica teologica). Disponível em: <<http://oseegenius2.urbe.it:80/alf/resource?uri=000000141844>>. Acesso em: 25 de maio 2020.

FRANKL, Viktor Emil. *Fundamentos y aplicaciones de la logoterapia*. Barcelona: Herder, 2012.

_____. *La voluntad de sentido*. Barcelona: Herder, 2002.

_____. *Logoterapia e analisi esistenziale*. Brescia: Morcelliana, 1972.

FRIGNET, Henri. Fabrication du genre, effacement du sexe. In: *La Revue Lacanienne*, n.4, 2007.

FROMM, Erich. *L'arte di amare*. 5.ed. Milano: Saggiatore, 1972.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*. São Paulo: Prospectiva, 2012.

LEONE, Salvino. *Sessualità e persona. Un'etica tra memoria e profezia*. Bologna: EDB, 2012.

LEVET, Bérénice. *La théorie du genre ou le monde rêvé des anges*. Paris: Grasset, 2014.

MONEY, John. Hemaphroditism. In: ELLIS, E.; ABARDANEL, A. (Orgs.). *The Encyclopedia of Sexual Behaviour*. New York: [s.n.], 1967.

PALUMBIERI, Sabino. *Amo dunque sono. Presupposti antropologici della civiltà dell'amore*. Milano: Paoline, 1999.

_____. *Antropologia e sessualità. Presupposti per un'educazione permanente*. Torino: Società Editrice Internazionale, 1996.

_____. *L'uomo meraviglia e paradosso. Trattato sulla costituzione, concentrazione e condizione antropologia*. Città del Vaticano: Urbaniana University Press, 2006. (Manuali Filosofia, 17).

PAULO VI, Papa. *Humanae Vitae*, 9. In: PAULO VI, Papa. *Documentos de Paulo VI*. Paulus, São Paulo, 1997.

SAINT-ARNAUD, Yvon. *La guérison par le plaisir*. Montréal (Québec): Novalis-Canada, 2003.

SARTRE, Jean-Paul. *L'être et le néant*. Paris: Gallimard, 1949.

TOMÁS, DE AQUINO, Santo. *Summa Theologie*. In: *Opera omnia IV-XI*, ed. Leonina. Romae: Typographia Polyglotta S. C. de Propaganda Fide, 1888-1903.